

# Antonio Bernardo da Costa Cabral

(MARQUEZ DE THOMAR)



A *Comedia Portuguesa* presta, publicando o retrato de Costa Cabral, homenagem ás qualidades excepcionaes do antigo ministro de D. Maria II. Quesquer que sejam os defeitos de que possam assacar a sua politica o que ninguem lhe poderá negar é a altivez de caracter, a firmeza de convicções, a valentia e a coragem, que o levava aos ultimos extremos e que lhe fazia crear ao lado das inimizadas mais intransigentes as dedicações mais generosas.

Depois do Marquez de Pombal, Costa Cabral é o mais saliente vulto da politica portugueza, tendo com o ministro de D. José o contacto do grande reformador audaz.

Elle merece pois o respeito que inspiram os convictos, os audazes, os fortes.



E' d'uma praia pouco conhecida, d'uma belleza selvagem, mas adoravel, como praia, a curiosa historia que vou contarte, leitora.

Como tu não frequentas, decerto, porque a colonia elegante e dourada que sae da capital, não a distingue frequentanda-a, eu não poderei escolher entre a juventude da tua côrte, testemunhas que provem a sua engraçada veracidade.

Todavia sabe que aconteceu, haverá uns quatro annos, por este tempo de agos-

to, e que fez, por dias, as delicias de muitos maliciosos nas reuniões burguezas do Club.

Foi o caso:

O Raphael nadava como um peixe.

Elle e um bispo cujo nome, me não recorda, tinham todos os dias uns longos desafios de natação, pelo mar fóra, até abordar navios ancorados a muitas milhas da praia.

Era um gosto vel-os; na praia saudavam lhes todos os dias a partida com salvas de palmas e os binoculos seguiam-lhes as cabeças, á tona d'agua, nas evoluções do mar.

Estava-se n'este pé, quando chegou á praia pela primeira vez a tomar banhos, uma rapariga deliciosa de frescura, que montava com rara elegancia e arrojo e nadava como Amphitrite em pessoa.

Isto despertou a sympathia dos rapazes e a formosa Clorinda, viu-se cercada de admiradores, promptos a atravessar á sua voz, um oceano bem maior ainda do que aquelle em que ella banhava, no arrebol da manhã, os adoraveis membros.

Talvez por conformidade de aptidões o Raphael, o eximio nadador, foi o preferido.

Uma noite no Club, depois da retirada do bispo, Raphael lamentava-se, de não ter companhia para as suas excursões, pelo mar dentro, tecendo ao bispo ausente os mais rasgados elogios de destreza e serenidade, nas passadas luctas.

—Estava quasi a desafia-lo, observou-lhe Clorinda, se não receiasse melindrar-lhe o amor proprio, na sua reputação de invencivel.

—Mas é, absolutamente, um desafio que v. ex.<sup>a</sup> me dirige, minha senhora.

## SOVRE AS ONDAS

—Quer intedel-o assim? replicou Clorinda, sorrindo adoravelmente.

—Honra-me o interpetral-o d'este modo.

—Mas veja, minha senhora, que arrisca a sua reputação.

—Sou quasi filha do mar; conheço-o desde pequena.

Quando meu pae era, aqui, um simples pescador, como os que por ahi vê, passei as manhãs e as tardes por cima d'essas ondas.

Não receia ainda?

—Pelo contrario, sinto-me verdadeiramente desejoso de ser vencido.

—Sim! disse ella rindo, sel-o-ha amanhã.

O grupo animou-se, commentou-se o desafio e os animos exaltados mal conciliaram o somno durante a noite na immnencia do interessante combate.

Não o descreverei.

Clotilde venceu aproveitando habilmente, logo que se deu o signal, as correntes internas que conhecia, e Raphael nunca mais pode alcançal-a, até ao brigue inglez, que fundeado ao longe, servia de pista.

A gloria não tornou vaidosa a vencedora, que poz aos pés do vencido uma decidida sympathia, uma distincção, sem mysterios, sem rebuços, clara e franca.

A historia, porém, não acaba aqui.

Para a comprehender necessita-se uma pequena descripção.

Imagine-se a praia uma meia lua, tendo no vertice direito um môro enorme de granito, no alto do qual se desmorona um velho castello, invalido de antigos feitos.

É no mais concavo da meia lua que se tomam os banhos.

A agglomeração de enormes fragmentos destacados de rocha tornam, para a direita, perigoso o banho.

Apenas os rapazes, mais atrevidos, se aventuram ao redemoinhar da agua, por entre os cachopos denegridos, escorregadios e armados de finas arestas cortantes.

Lá vão muitos, pelo prazer de se sentarem no apice dos rochedos, isolados como pequenas ilhas brilhantes de espumas.

Quando o rolo da onda se levanta e cresce para a praia intercepta aos que ali estão a vista do mar: todavia os que estão nos rochedos, collocados por detraz do limite em que a onde nasce, não o perdem nunca de vista.

Esta disposição anatomica da praia, que esquecera aos nos sos nadadores, originou o mais engraçado da historia.

Raphael renovava com Clorinda os compridos passeios pelo mar, interrompidos com a partida do bispo.

Um dia, dois rapazes que tinham nadado para as rochas observaram o seguinte:

Raphael nadava vigorosamente, atravessando as ondas; Clotilde, com a mão direita no hombro de Raphael, deixava-se arrastar, remando levemente com a mão esquerda, com o corpo em *planche*, quasi á superficie da agua.

Agora o curioso: quando uma onda passava, a cabeça de Raphael voltava-se para traz, o rosto de Clorinda inclinava-se

para diante e um dos rapazes exclamava :

- Olha, que exercicio é aquelle?
- E' boa, são segredos.
- Segredos á bocca? nunca ouvi dizer.
- São beijos.
- Cala-te.

E esconderam-se melhor.

— Conta, conta, disse o primeiro, quantas ondas pssam.

E pozeram-se a contar, radiosos do segredo : uma, duas, três... doze... quinze... vinte; n'isto os nadadores voltaram, remando para terra, ao lado um do outro.

— Bravo, vinte beijos, hein?

— Que espertalhões. Systema decimal. Esta não lembra ao demonio!

— Cheira a mythologia,

— Plena Arcadia.

Dava um poema esta idèa—*A côrte no mar*

A' noite, no Club, uma menina d'uma villa proxima, que aprendera no *cravo* da familia a matyrisar os mais rijos tympanos, tocava, pela quinta vez, uma walsa *da sua paixão*.

Clorinda conservava o costume burguez e lorpa da provincia, ainda hoje muito recommendado pelos namorados : — não dançar senão com o amado!

As meninas que teem namoro no baile, estão sempre *cançadas*, para qualquer cavalheiro que ouse solicitar a graça de lhes medir com o braço a circumferencia da cinta.

N'essa noite Clarinda repetira já por duas vezes a desculpa classica.

— V. ex.<sup>a</sup> faz-me a honra da primeira walsa?

— Peço desculpa a vossencia; mas estou fatigada, não danço a walsa.

— Agora, vou eu, dizia, ao lado, secretamente a um grupo de rapazes, cheios de risinhos ironicos, um dos espias dos rochedos.

— Sim? tens a mesma sorte.

— O quê!

— Está fatigada verás, aventou um do grupo.

— Nem pode dar-te outra resposta, se com ella se escusou duas vezes.

— Pois é isso, replicou com ar de finorio, o sollicitador da walsa, é isso que eu pretendo, porque lhe digo uma coisa que a faço côrar.

— Côrar?

— Sim.

— Vá, vá, disseram alguns, e chegaram-se distrahidamente.

O rapaz fez-se de largo, depois como resolvido subitamente, avançou para ella.

— Faz me a honra de me conceder esta walsa?

Clorinda com ar de cançasso, respondeu :

— Perdôe-me; mas sinto-me tão cançada que lhe pedia a

fineza de me dispensar.

— Mas v. ex.<sup>a</sup> tem dançado pouco esta noite : ah! sim, é talvez de pela manhã. V. ex.<sup>a</sup> passa muitas ondas minha senhora, v. ex.<sup>a</sup> passa ondas de mais.

— Talvez, replicou Clotilde, enleada, fitando-o.

— Oh! decerto; eu vi das rochas; tão cançada ia que se amparava.

As faces de Clorinda tingiram-se d'um vermelho intenso os do grupo, riam, segredando, enquanto o atrevido cumprimentava com o melhor sorriso do mundo e se affastava ra-diante.

A phrase de *passar as ondas*, teve esse anno na praia, um successo louco.

\*

O epilogo d'esta historia, é verdadeiramente o epilogo d'um rsmance antigo.

No anno seguinte Raphael casava com a gentil nadadora.

Todavia permita-me a leitora que eu tire a moralidade da historia, por isso que nada é inutil n'este mundo.

A moralidade é ao mesmo tempo um conselho : desconfiar da solidão do mar e ainda mais dos Raphaelis, porque, emfim, se houve um capaz de passar muitas ondas, como tantos ha, poucos são depois capazes de passar o Rubicon.

MENDO.



## Bibliographia

Recebemos e agradecemos a carta de Gomes Leal ao Imperador do Brazil, a proposito da tentativa d'assassinato de que dizem que Sua Magestade ia sendo victima. Convencidos de que a vida de sua Magestade Imperial correu tanto perigo como a nossa, estamos quasi a agradecer ao Valle a lembrança, por ter dado occasião ao bello poemeto do extraordinario e excentrico auctor do Anti-Christo.

Versos deliciosos, escriptos com alma; versos de poeta, emfim.

Aconselhamos a compra ao leitor, que não se arrependerá.



Por falta de espaço não publicamos ainda hoje a noticia sobre o segundo fasciculo da magnifica publicação *Revista de Portugal*. Fal-o-hemos no proximo numero.



**A mulher platônica**

Vive de amora das brisas e líl pomras ty-  
rificas. Adora as nozes cavalladas, a lra ca-  
pino and e um alferes sentimental...  
Bebe vinagra para rompage e morte, ty-  
sica, d'amor...

**A mulher**

Um coração mudo  
de tolices  
e de manras, mudo  
tegras. Tem asson-  
tas, para a rua, para  
follas, de todos os  
gêns. Uma mulher p...

**A mulher dionisia**

Amor alcora, mas feroz. Scena de lagrimas  
e fizes d'atto adôgulos a fangulo...  
O seu diuio escafolta e o'ma escala asor-  
me—fende o bellido atil as venas.  
O terror das kansas...

**A mulher aisa**

Um unico ideal: um morto aisa.

**A mulher sensual**

Temperamento ardente. Falso acroleado...  
Se não lhe acodem a tempo... tance ar-  
mas.

**A mulher magra**

Ningum commeto chade por slla e pecco-  
do de curra... Comento as o pasado de se-  
os simplesmente.

**A mulher baia**

Um unico ideal: um morto glemo.

posterior



Chegámos ao mais extraordinario dos resultados n'isto das idas a Paris. Antigamente suppunha-se, e com uma certa razão, que para viajar pela Europa, dar um passeio até ao paiz d'onde nós vimos todos n'uma condeça de verga, era preciso ter uns certos meios, attendendo a que comboios, carruagens e hoteis se pagavam por bom dinheiro.

Hoje chegámos á perfeição de ser mais facil ir a Paris do que a Cascaes, desde o momento em que se seja parente, ou amigo, ou conhecido d'um dos

mui nobres! membros que formam os peccados mortaes do ministerio que generosamente nos rege, desde o momento em que se possua uma apidião qualquer, ou desde o momento em que não se possua nenhuma, o que será ainda melhor.

Tudo vai a Paris e, Santo Deus, todos vão estudar, saber, inquirir, ver, para nos vir contar depois e derramar sobre o paiz o fructo das inquirições, estudos e vistas.

Que onda de luz não chega por ahi, em fins de setembro, quando o meu sapateiro entrar a espalhar o novo typo de fôrmas, o meu tendeiro a nova manteiga e o meu alfayate o novo typo das rabonas! Porque da minha rua só ha que não tenha uma commissão a desempenhar em Paris, eu, um cego que pede esmola á esquina, o cão do dito cego, a costureira do quarto andar e *su madre* e as duas figuras d'um namoro da meia noite, que pelos modos se andam a estudar primeiro um ao outro e não teem tempo para estudar para os mais. O resto tudo foi.

Militares, paizanos, amanuenses, logistas, carpinteiros, entalhadores, marceneiros, homens do povo, homens da nobreza e homens do clero, teem desaparecido successivamente, por ordem do governo, a quatro mil e quinhentos por dia, a ver, a escogitar, a indagar, a cheirar, a arte e a industria, o commercio e a vida airada, as leis e os costumes. N'esta he-

bedeira de commissões e de commissionedos irrisorios, n'esta patuscada ridicula e desmoralizadora de ganhos torpes, de viajatas escandalosamente concedidas, n'estas caravanas de Paturots á procura pela Europa dos ninhos do povo portuguez e da probidade, do decoro ministerial, tem de encorporar-se os homens serios e dignos que viajam á sua

propria custa, despejando a propria bolsa.

Mas, como os commissionedos não levam distico no chapeu, os que o não são teem de gritar ao metter-se no wagon: — patria, terra de meus pais, não vou divertir-me á tua custa: patricios, quando

beber por lá fóra o samsaborão Medre, o desenchavido Pommard, o espumoso Champagne, eu vol-o juro, com a mão sobre o coração, não bebo o vosso sangue!

E a patria inteira pasma de espanto! Vai á sua custa! Inda ha portuguezes velhos, inda ha descendentes dos D. João de Castro!

Tal é a razão porque ha poucos dias o *Illustrado* noticia-va que um titular qualquer partia para Paris á sua custa d'elle titular. O facto tem-se repetido.

Mas não é extraordinario um paiz em que qualquer sujeito que deseje passar a fronteira tem por necessidade o declarar que viaja á sua custa, para não passar por parasita, por especulador, por borlista?

Se lá fóra entendessem o portuguez, que ideia que formariam a esta hora de nós!

Inda bem que não sabem: senão calcule-se que levávamos o ultimo golpe de misericordia se apanhassem... os relatorios.



Diz um jornal que as tres melhores camas do mundo são as da duqueza de Edimburgo filha do czar Alexandre II, a da ex peratriz Eugenia e a de Sarah Bernhart. Não diz se usa, qualquer das referidas senhoras, os colchões americanos, que segundo os annuncios dos jornaes e a auctoridade affiançadora de medicos d'esta capital são incontestavelmente, pelo aceio, pela hygiene, *et caetera* (veja *D. de Noticias*) o que ha de melhor para estatelar o corpo em necessidades de ripanço. Isto já não prova muito sobre a superioridade das ditas camas. Alem d'isso parece-nos por dê mais arrojado tal affirmativa sendo certo que o tal chronista não poude metter o nariz em todas as alcovas do mundo. Ora eu pensava justamente n'isto a olhar para o *Terror* o meu bull-dog que se estira, como uma lebre morta, sobre a calçada do pateo, batido do luar, n'um somno d'uma placidez épica. socegado, tranquillo, como o demonstra o ar sañindo com um ruido brando, pausado, regular, pelas narinas escuras e achatadas.

Pensava n'isto, nas tres primeiras camas do mundo e na cama do bull-dog. O leitor vai espantar-se da conclusão.

A duqueza d'Edimburgo dorme mal desde que lhe assassinarão o pai. Tem visões ensanguentadas, receios, pezadellos. A ex-imperatriz, sonha com Sedan, com os terrenos pantanosos da Africa em cuja humidade jaz desfigurado o cadaver d'um filho querido. Sarah fustigada pelo ultimo amante, ouve cêm cessar na escada o passo dos credôres e sonha com leilões, vendas, penhoras!

O meu bull-dog, como elle dorme bem, que socegado, que feliz! Um somno pezado, forte, reparador!

Ora, a conclusão adivinha-se: a melhor cama é a d'elle! A melhor cama meus senhores é aquella onde se dorme bem. O leito do meu cão, as pedras da calçada, é mais macio do que o leito de roupas-femininas da imperatriz, ou do que o leito de lençoes de setim e almofadas forradas de velludo de Sarah! Deus tem estas supremas ironias: dá os leitos fôfos aos homens e o somno placido aos cães. E d'ahi elles merecem-n'o mais do que muitos, com certeza.

MENDO.



## Marquez de Thomar

O marquez de Thomar (Antonio Bernardo da Costa Cabral), nasceu a 9 de maio de 1803, em Fornos d'Agodres districto de Vizeu (Beira Alta).

Era filho segundo de modestos lavradores: Antonio Bernardo da Silva Cabral e D. Francisca Victoria Rebello da Costa Côrte Real.

Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, exercendo a principio a advocacia e entrando em seguida na magistratura.

Foi eleito pela primeira vez para a camara dos deputados em 1835. Ligou-se primeiro ao partido liberal avançado, mas, nomeado prefeito de Lisboa, approximou-se do partido moderado, e entrou no ministerio a 26 de novembro de 1839.

E' d'esta data para diante, que a sua vida de homem publico assume toda a importancia.

Foram os açorianos da Provincia Oriental que pela primeira vez, em 1834, lhe conferiram o mandato legislativo, reelegendo-o tambem em 1836. Em ambas as sessões militou na opposição. Assistiu ao combate do Chão da Feira. No anno seguinte, 1838, foi escoluido para dominar a anarchia na capital e o ministro do reino d'então, Julio Gomes, nomeou-o interinamente, administrador geral de Lisboa, depois das famosas conspirações do Arsenal. N'este cargo, correspondente ao actual de governador civil, assignalou-se pela firmeza do pulso, e á sua iniciativa se deveram principalmente o desarmamento e a dissolução da guarda nacional, preparados pelos tristes acontecimentos de 9 e 13 de março. Além de restabelecer a ordem politica Costa Cabral introduziu melhoramentos importantes na administração da cidade.

Restituído aos trabalhos parlamentares, continuou a apoiar a politica setembrista, votando com as administrações de Sá da Bandeira e de Ribeira de Sabrosa; mas a 26 de novembro de 1869 acceitou a pasta da justiça no gabinete moderado a que presidiu o conde de Bomfim, e de que tambem fez parte Rodrigo da Fonseca. A sua gerencia foi laboriosa e fecunda; a sua politica, firme e resoluta.

Quando, em junho de 1841, o gabinete do conde de Bomfim houve de retirar-se diante das colligações opposicionistas, e se organisou o ministerio presidido por Joaquim Antonio d'Aguiar, Costa Cabral conservou, na nova combinação politica, a pasta da justiça, e continuou a introduzir reformas profundas nos serviços ecclesiasticos e judiciaes. Foi, porém, n'essa epoca que nas suas opiniões e na sua attitude politica se acabou de operar o reviramento, que os antigos correligionarios nunca lhe perdoaram. Em janeiro de 1842, o partido cartista tentou mais uma vez abo'ir a constituição de 1833 e restaurar a carta de 1826, e escolheu o Porto para theatro do sua nova tentativa. Costa Cabral foi então ao Porto, e, apesar de ministro, pôz-se á frente d'essa tentativa, favore-

ceu a proclamação solemne da restauração da carta, fez-se nomear presidente d'um *governo provisorio*, juntou tropas, e com ellas marchou para Coimbra. A 27 de janeiro, no ministerio conservador, Costa Cabral foi a alma, gerindo a pasta do reino.

A restauração de 1842, por elle preparada no Porto — se lhe deu, collocando o á frente dos negocios publicos, uma grande preponderancia,—trouxe-lhe ao mesmo tempo as mais vivas inimisades e os mais terriveis antagonismos.

A politica tornou-se pessoal, individual. O seu nome foi convertido n'um alvo de odios, e não se recuou diante de meio algum, que podesse ferir-lhe essa energia indomavel, que muitos temjam. Com a restauração da carta em 42, começou a serie de medidas, que foi chamada: a sua dictadura.

Appoiado simultaneamente pela côrte, pelas duas camaras e por seu irmão, governador de Lisboa,—quiz firmar os tres decretos; o que supprimia a inamovibilidade dos juizes. o que submettia os officiaes ao arbitrio, e o que estabelecia a censura no ensino.

Houve então contra elle uma coalisção aos partidos. Pôde vencer algumas insurreições, mas em 1846 teve de ceder, e retirou-se para Hespanha, d'onde voltou, quando o resultado das eleições de 1848 lhe deu de novo o poder, onde succedeu a Saldanha. Em 1851 caiu de novo, perante a insurreição que Saldanha dirigiu, sendo n'essa occasião annullados os seus actos e medidas, e entrando em politica portugueza n'um novo periodo.

Depois da sua queda do poder, dirigiu, durante annos, uma fracção da opposição na camara dos deputados.

\*

Eis a ordem das datas, nas quaes foi elevado á nobreza, e aos logares de ministro:

Elevado á nobreza do reino, com o titulo de conde de Thomar (em duas vidas), por decreto de 8 de setembro de 1845.

Agraciado com o titulo de marquez de Thomar (em duas vidas) a 11 de julho de 1878.

Foi ministro da justiça desde 26 de novembro de 1839 a 9 de junho de 1841 e n'esta ultima data nomeado novamente cara este mesmo cargo que exerceu até 26 de janeiro de 1842.

Ministro do reino, desde 24 de fevereiro de 1842 (Restauração da Carta, até 30 de maio de 1846, Revolução do Minho).

Ministro da justiça (interino); desde 27 de junho de 1844 a 24 de julho de 1845, e novamente interino, de 21 de abril a 20 de maio de 1846, por ausencia do effectivo José Bernardo da Silva Cabral.

Presidente do conselho de ministros, de 18 de junho de 1849 a 26 de abril de 1851, gerindo a pasta do reino.

\*

O marquez de Thomar era o mais antigo nos actuaes conselheiros de estado.



A companhia italiana da Avenida, retirou para o Colyseu.

Não é possível ouvir-se melhor musica por preços mais baixos. Felicitamos o publico de Lisboa, por ter occasião de gozar a audicção de boas operas, porque a companhia tem cantores de verdadeiro merecimento muito á altura do palco onde se exhibem.

A nossa pagina representa algumas scenas do *Baile de Mascaras* cantado com extraordinario agrado.



*J. M. M. M. M.*

## Duas amigas

No convento a Li-li, como lhe chamavam, por abreviatura de Luiza, tinha fama da mais alegre e descuidada rapariga.

A reza, a lição, o trabalho, a [musica, o canto, todas as occupaões e todos os misteres, todos os actos da vida, dos mais insignificantes aos mais serios eram encarados por ella com uma irreflexão, um descuido, uma indiferença que tocava o desprezo.

Afeições, apenas se lhe conhecia uma: a de Margarida, uma rapariga, loura, de olhos azues, branca como os cirios, adoravel como uma creança.

O antagonismo dos caracteres, dos temperamentos, das feições, dos typos ligara como em geral acontece, a individualidade alegre, vivamente audaz de Luiza, á dôce figura de Margarida, bondosa, candida, socegada.

Amavam-se muito.

Entre duas pobres raparigas encarceradas, em cujo organismo começa a rasgar-se o mysterioso mundo novo das aspiraões e dos sonhos, calcule se quantas confidencias, quantos receios formulados em perguntas, quantas criticas, se não formulam, se não aventam, se não discutem,

De facto, nos passeios, á hora de recreio, pelo jardim do convento, cercado de altos muros, sombreados por carvalhos e cedros seculares, viam-se sempre conversando, unidas, de braços pelas cintas, sentadas pelos largos bancos de pedra sustentados por cabeças de leões, a quem o tempo cobrira de uma capa amarella e gastara as jubas ondeantes.

Só então, Luiza, parecia perder o ar descuidado da vida.

Parecia que junto ao rosto meigo de Margarida, d'uma brancura e placidez angelicas, se vergava, esmorecia, preza d'uma influencia toda de açura, aquella inflexão da mocidade, nuncia sempre dos corações generosos.

O traço porém mais profundamente característico do excepcional caracter de Luiza, era a indiferença pelos homens.

Nunca um namoro, um affecto, uma tendencia, sequer. Nas saídas para casa, em ferias, o promettedor desenvolvimento dos seus quatorze annos, arrastava-lhe, em côrte, uma chusma de admiradores.

Ella ria :

Na volta ao convento dizia para Margarida.

— Que sucia de imbecis! todos.

— E's louca.

— São todos eguaes ; dizem todos o mesmo. Diz-me, ha uma cartilha do amor para o genero humano masculino, que é preciso decorar e repetir em toda a parte e a todas as mulheres?

— Margarida beijava-a sorrindo,

Luiza continuava : diz-me, Lena, teu primo Julio não te diz phrazes novas, coisas que os mais não dizem ?

— Mas sei eu o que os mais dizem? Nunca ouvi senão a elle.

— Como és feliz! ter ouvido apenas um homem fallar de amor! olha que é d'uma semsaboria mortal:—*os encantos de v. ex.ª, a belleza de v. ex.ª, a graça de v. ex.ª o olhar de v. ex.ª os cabellos de v. ex.ª*, isto com ares e gestos mais ou menos falsos, tolos, ridiculos ou pretenciosos, oh! asphixia! que imbecis, os homens!

Dois annos depois, pouco mais ou menos d'esta conversa e d'outras identicas na forma e sentido, Luiza e Margarida, haviam sahido do convento.

Luiza, completara a educação e recolhera-se a casa, com um unico cuidado—o não ter cuidados. Margarida casara com o primo, ao sahir do convento.

N'um dia, de tarde, a carruagem de Luiza parou á porta do palacete onde morava Margarida com quem fôra combinado um passeio fóra da cidade.

Um creado chegou grave e severo : A senhora não pode descer; pede a v. ex.ª, o favor de subir por um instante. Luiza subiu. Margarida estava na ante-camara, meia deitada n'uma *chaise-longue*, palida, com os labios contrahidos, os dedos torcendo-se afflictivamente, o olhar luminoso, cercado d'um laivo vermelho de sangue.

—Que tens, tu? Tu soffres?

—Não, disse Margarida sorrindo, agora não.

—Mas tens soffrido?

—Ha meia hora quando comecei a vestir-me, assaltaram-me dôres vagas pelos rins; tu comprehendes? e, torceu-se emquanto beijava Luiza, para disfarçar uma dôr mais violenta.

—Os homens, disse Luiza, e olhando ao redor, para se certificar de que estavam sos, vê tu, que verdadeiros senhores?!

Luiza instalou-se em casa de Margarida; reenviou a carruagem, com a noticia para sua mãe. Pelas nove horas da noite as dôres redobram, tornaram-se mais repetidas, mais fortes e Luiza ponde assistir cheia de receio, de tremôr e de magua a essa lucha cruel, cheia de dôres, angustias e suores d'onde sahe uma vida nova.

Pela meia noite, mostraram-lhe um ser, roliço, d'olhos tumidos cerrados, que dava pequenos gemidos. Olhou-o com repugnancia e não o beijou.

—Que coisa, murmurava ella; filho de Margarida, faz pena!

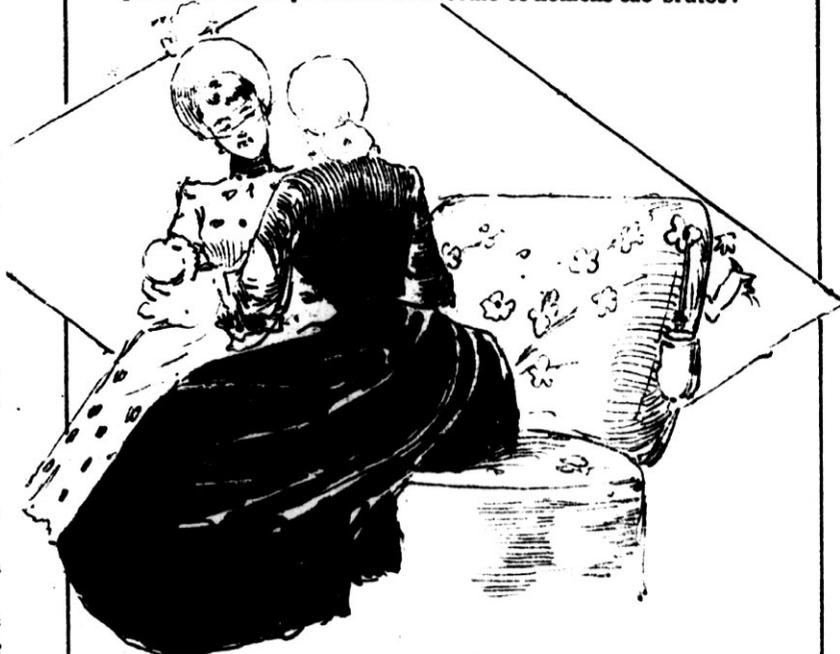
Margarida dormia extenuada, com uma pallidez de martyr christã, o cabello espalhado pelo colo, umas gotas de suor pela testa.

Era quasi uma hora; Luiza mandou chamar o trem, beijou docemente o rosto pallido da amiga e sahiu.

Quando descia a escada, pelo braço do novo pae, cheio de felicidade, orgulhoso do novo titulo, perguntou-lhe entre rissonha e despeitada: está contente?

—Sou, feliz, minha senhora, respondeu elle.

—Feliz! e mettendo-se no trem, ao reclinar-se no forro quente do estofo pensava: feliz! como os homens são brutos!



Passam mezes e n'uma tarde de maio no jardim de Margarida, Luiza acaricia longamente, a cabeça loura de Joãozinho. Margarida estranhava tanta festa.

Em geral, Luiza, pouco acariciava a creança.

Dava-lhe um beijo quando chegava, um outro quando se retirava e poucos ou nenhuns durante a estada.

Aborreciam-lhe, por tempo, as creanças, dizia ella; de começo agradam, depois tornam-se impertinentes.

Ora, n'aquella tarde, a Luiza sentava o pequenito do côlo, beijava-lhe muito a boquita e os olhos, brincava-lhe com os anneis do cabelo, interrogava-o muito, ria ainda mais do seu palrar alegre e atrapalhado, agitava-lhe o collarinho, enchia-o de festas, de mimos, de caricias.

Margarida contemplava-a sorrindo.

—Estranho-te hoje, Luiza.

—A mim?

—Estás tão dedicada ao João?

—Sempre gostei muito d'elle.

Bem sei; mas como hoje... e fitou-a, fixamente

Luiza, assim analysada, corou.

Margarida deixou-a serenar, aproximou d'ella o seu b anco de quatro pés, em X, sorriu-se docemente e tomanh e ambas as mãos, inclinou-se para ella, a ficar com o olhar p or baixo e um pouco adiante do rosto de Luiza.

—Queres suppôr que estamos no convento? perguntou.

—Para quê; que idéa é essa?

—Queres?

—Seja: dize-me para quê.

—Para seres outra vez minha amiga.

—Não o sou, acaso?

—És!

—Como sempre, Margarida. Beijaram-se.

—Então diz-me: em quem pensavas ha pouco quando a cariciavas o João?

Luiza olhou-a... depois puchando-a para o côlo e abraça ndo-lhe o pescoço nervosamente: oh! cala-te! és feiteceira, querida, tu adivinhas!

Uma impressão nervosa fez-lhe rebentar o pranto; Margarida beijava-lhe as lagrimas.

N'isto o marido appareceu.  
 —Porque chora? interrogou interessadamente.  
 —Não te assustes, meu amigo, respondeu Margarida, aca-

riando a cabeça da amiga: Luiza mudou de opinião, nem todos os homens são *positivamente uns imbecis*.

MENDO.



Canais



Ha um Deus para os chronitas como para todos os que teem n'este mundo de desempenhar uma missão, um officio, um cargo. Assim, ainda hontem á tarde, eu pensava seriamente embaraçado, no assumpto da minha chronica de hoje. A semana tinha sido d'uma ingratidão esmagadora, como é vulgar o serem as semanas, n'esta pacifica terra de Lisboa, que o sol torra e a canalisação perfuma.

Que pensando bem a semana não fóra ingrata mas ingratos os assumptos. Teria de fallar do crime.

Subiriamos ao Bairro Alto a assistir a uma das vulgares scenas em que a navalha desata os nós gordios de questões imbecis encaradas como questões d'honra, por cerebros d'onde a idéa séria da dignidade fugiu afogada pelo alcool, e onde o brio se transforma n'uma convenção canalha, intestada á ponta da naífa brandida cobardemente, mordendo com a insidia da vibora que se occulta na herva fresca onde o pastor se deita, a refrescar o corpo dos caniculares. Teriamos depois de examinar detidamente a decisão da justiça, ó Ceus!, que manda soltar com fiança um homem que mata outro com uma facada, porque essa facada não tinha a intenção de matar mas uma intenção subtil, secreta, methaphisica, só comprehendida pelo cerebro da justiça portugueza — a de arcejar as tripas — o que é perfeitamente differente.

E depois de commentar-mos esta sapientissima decisão iriamos ainda encontrar-nos com outro crime, em que um sobrinho dispara um revolver contra uma senhora sua tia e teriamos de concluir visto a bala atravessar o cabelo d'esta senhora, resvallando no osso, que o bom do rapaz só pretendia com semelhante acção, alizar-lhe o cabelo, ou endireitar-lhe a marrafa!

Mas é possivel que nem eu nem o leitor concordassemos nas explicações dos peritos, que nos insurgissemos contra in-





perpetrações por demasiado simples e tendo de sondar francamente a origem dos factos faremos encontrar como causa occasional a corrupção, a baixez de caracter; o rebaixamento moral.

E a chronica teria o ar massador d'um sermão de penitencia, d'um discurso academico, ou d'uma licção de sanscrito!

E' n'este ponto que se conhece a

interferencia amavel da divindade que protege os chronistas: A noite de quinta feira resgata brilhantemente com uma festa adoravel pela intenção e pelo brilho, o desagradavel dos factos criminosos, em que seria perigo exercer ou o gracejo insolente, ou a troça desopilante, ou a analyse caustica, a critica desapidada e inutil.

Foi a recita de Antonio Pedro no Colyseu. Nada mais alegre, vivo, animado do que o aspecto do amphitheatro, litteralmente cheio.

Uma multidão compacta coagulava-se nas bancadas da geral; um borborinho enorme de milhares de vozes enchia o ar; as côres vistosas das *toilettes* brilhavam na atmosfera enfumada do salão, como pontos floridos de campinas, envoltos na nebrina da manhã, sobre que adejavam centenas de borboletas — os leques agitando-se ininterruptamente n'um murmuro de papeis amarrotados, de varetas que se chocam.

Agrupamento de meridionaes tinha a expansibilidade das naturezas ardentes o numero do comicio, e cazavam-se n'um côro desafinado mas suggestivo de vida e de communicativa alegria, os risos, os echos dispersos, as vozes, as imprecações.

Qualquer coisa que lembrava uma feira, um *meeting*, uma tourada ou um arraial, guardadas as diferenças de maior cordura, de mais distincto convívio.

Foi n'estas condições de generosa audicção, que começou o *Tim tim por tim tim*, revista de Souza Bastos, onde actores de todos os theatros desempenharam obsequiosamente, diversos papéis.



Já ouvi chamar á Revista de Souza Bastos: — *A actriz Pepa em tres actos*. A classificação é deliciosa, porque de verdade a revista vive da graça, do talento, d'esta actriz, a mais deliciosa cantora do portuguez que temos ouvido em palcos de Lisboa.

Ella empresta á nossa lingua uma accentuação quasi imperceptível da linguagem hespanhola o que tanifica á fraze, e, intelligente, sublinha com verdadeira graça o dito picante, a fraze conceituosa.

O publico fel-a entrar no numero das escolhidas, alegre-se, anima-se ao ouvil-a e vel-a.

O seu entusiasmo chega já a ultrapassar os limites da ordem, e da gravidade com que uma pessoa séria deve ouvir da plateia, ao lado de familias conspicuas, os ditos ambiguos das coplas ou das cançonetas.

Foi assim que quando Pepa cantava :

Se alguém quer provar  
Coisa boa  
Coisa boa ...

salva a letra, da plateia elevava-se a acompanhá-la em côro de beijos chupados, provocadores, que se não faziam córar a gentil actriz, mercê da caracterisação protectora, indignavam comtudo os homens sérios e as mamãs graves, feridas no seu mister de veladoras da innocencia dos filhos por cujos ouvidos castos passava este côro provocador, alegre, suggestivo alado, como um bando de borboletas que se perseguem ao sol.

Mas estava-se em familia, afinal. Uma familia estranha, de quatro mil pessoas! Quem não quizesse que não fosse lá. Aquillo era a festa consagrada á memoria d'um actor popular; e n'estas festas que lhe tocam pela porta o povo ha de intervir por força. Se ouve cançonetas brejeiras, manda beijos á Pepa; tal qual como nos touros manda dichotes para o touro, graças pezadas ao toureiro e insolencias para o intelligente.



Nas Revista entravam um grande numero de actores de todos os theatros desempenhando diversos papéis.

O publico saudava-os, á entrada, com uma salva de palmas, como a agradecer-lhe o favor.

Esperava-se porem com verdadeiro interesse a entrada de Taborda.

E' um actor querido, um actor que já tem lenda, um actor consagrado

Foi extraordinaria essa entrada.

Rompeu da sala uma tempestade de palmas; explosiram bravos; tres mil pessoas, de pé, agitavam os lenços como se cada um quizesse fazer-se ver do actor, honrado de o applaudir, orgulhoso do protesto publico da sua amizade, da sua admiração, do prazer de o ver, de o ouvir ainda e sempre emquanto elle puder entrar n'um palco e mostrar em quatro passos e uma fraze que é o mestre da escola naturalista da scena portugueza!





Extraordinaria ovação que eu comprehendia perfeitamente. A morte de Antonio Pedro está ainda dolorosamente gravada no animo popular. Taborda é o ultimo grande actor da geração gloriosa, que desaparece com elle! Toda a estima popular hoje converge n'elle, por aquella razão que faz que um pai concentre a amizade de todos os filhos que haja tido no ultimo que lhe reste.

Aquella ovação queria dizer:

Velho Taborda, glorioso actor, se pôdem dar-te vida os meus applausos, aceita-os. São o que ha de mais sincero na nossa alma. Quando te vêmos alanceia-nos o receio de perder-te e abraza-nos a alegria de te vér e escutar ainda. Não morrerá a tua memoria. Ficas na tradição e na historia do theatro portuguez. Mas são glorias de que não poderás gozar. As que podemos fazer-te sentir são as dos nossos applausos. Eil os, os mais ruidosos, os mais intimos e se elles podem dar-te vida, vive, vive!

O velho actor surpreendido pela manifestação extraordinaria, estava visivelmente impressionado e não seria difficil divisar-lhe uma lagrima sustida difficilmente á flôr das palpebras.

Quem um dia sentir, n'um palco, a impressão unica, de se sentir elevado pelo applauso d'uma multidão anonyma, desconhecida, comprehenderá bem como ainda um velho acostumado aos applausos uma vida inteira, pôde commover-se perante seis mil mãos que o applaudem, quando esse applauso tem alguma coisa de um protesto contra o tempo, d'uma saudade pelo passado.

Hurrah! por Taborda.



**Bibliographia.**—Recebemos e agradecemos o *Almanach das senhoras portuguezas e brasileiras* para 1890 por Albertina Paraizo.

É um curioso volume de perto de 200 paginas, com pequenas produções, firmadas pelos melhores nomes da nossa litteratura contemporanea. Novamente agradecemos á gentil auctora, a delicadeza da offerta.



Chegam-nos continuamente queixas as mais justas dos nossos assignantes de Lisboa, com relação ao serviço do correio. Declaramos terminantemente que nenhuma culpa temos de que a distribuição da «Comedia Portugueza» sofra interrupções e demoras. Já nos temos queixado por varias vezes, sem resultado algum e não podemos ir á administração geral dos correios rojar-nos aos pés do ex.<sup>o</sup> director a pedir-lhe a graça de providenciar. Não costumamos pedir de joelhos, nem cremos que mesmo por esse modo conseguiremos alguma coisa.

Pedir energicamente, já o fizemos n'este mesmo lugar. A voz perdeu-se no deserto. Os nossos assignantes teem razão, e assim como tem razão se tiverem descoberto alguma maneira com que possamos fazer com que o serviço do correio seja o que deve, o que tem obrigação de ser, promettemos-lhe empregar todos os nossos esforços para esse fim. Nós somos os primeiros prejudicados, mas nem sequer nos queixamos já, é mais um trabalho que se perde. Isto é o paiz do — á vontade — De serio, coisa a que se attenda, com empenho, só conhecemos as eleições, mais opportunamente os syndicatos. Tudo o que não for isto é banal, não tem importancia para a cabeça dos pretores.

Emfim, ahí fica mais uma vez exarada a queixa, por descargo de consciencia. Do resultado nada esperamos,

PELO REDACTOR GERENTE

Victor Lisboa



# Soares dos Reis

CONDE DE FERREIRA



Recebemos do Porto os tres primeiros fasciculos do *Album Photographico das obras de Soares dos Reis*.  
Uma edição luxuosissima com boas photographias feitas na casa Bieh.  
O nosso desenho é copia de uma d'essas photographias.  
Agradecimentos pela remessa.



JULIÃO VACHAPO.

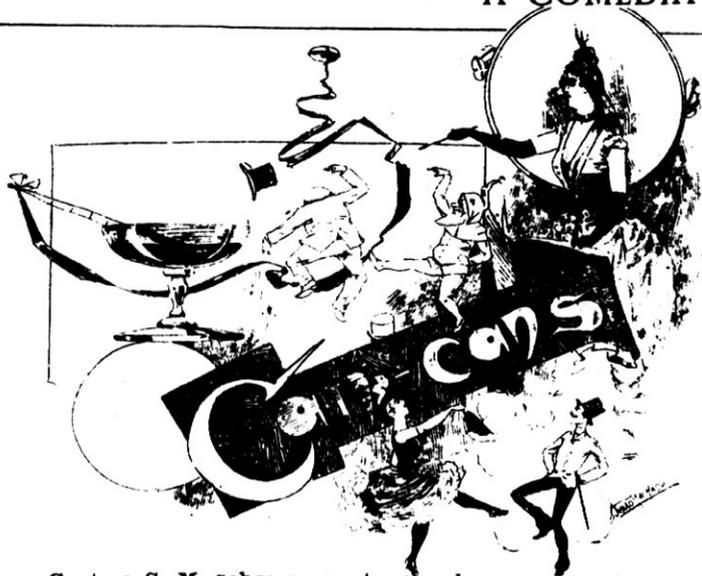
### OS GATOS

Não nos foi possível ler ainda o volume d'este novo trabalho de Fialho d'Almeida.

Não duvidamos porem de recommendar aos nossos leitores, desde já, o livro; porque demais conhecemos as brilhantes qualidades de critica e de linguagem que possui o escriptor que o assigna.

Damos como amostra um extracto do livro, que deve esta semana, ser posto á venda em Lisboa e que o auctor teve a amabilidade de nos enviar. Por elle o leitor poderá apreciar o valor do livro.





**Carta a S. M. sobre as vantagens de ser assassinado**  
—O regicida de Caminha—De como o cultivo das bellas letras não dá immuniidade aos monarchas, para as ameixas dos conspiradores—Que lhe custa a V. M. apanhar um balazio?—Offerece-se um regicida com pratica na provincia.

...Esta tragedia brazileira me põe de queixos, meu senhor e rei de Portugal, a cogitar na fôrma porque V. M. tem comprehendido até hoje o pesado encargo de reinar. Até ao dia 15 de julho ainda havia no mundo dois monarchas immunes para as tentativas d'assassinato — V. M. e seu tio Pedro. Para qualquer dos dois, a situação era deprimente, um pouquinho. Reis que não gramam chumbadas do povo são como sa cigarreiras que não apanham cascudos dos amantes, umas lesmas a cuja existencia se perde o interesse. Entanto a desdita de VV. MM. lá ia tendo conforto no proprio seio familiar—V. M. consolando-se de lhe não furarem as costellas, na immuniidade de seu tio o imperador; este, iludindo as suas bazofias de grande rei, com a integridade das costellas de V. M. Uma tal miragem acaba porém, senhor, d'evaporar-se. D. Pedro II já lá tem a sua ameixa para a Historia: por signal que o caroço nunca appareceu! E ahí está V. M. agora sózinho a carregar com a ignominia de nunca haver despertado odio a ninguem. Desde Alexandre da Russia até Kalakana de Sandwich, todos os monarchas contemporaneos hão bemerecido do povo, inequivocos testemunhos de respeito e d' affecto sob a fôrma de minas de dynamite e de balazios—só V. M., moita! E' indecente.

Perspicaiz como é, e delirando talvez por cahir em graça aos vindouros, mediante uma façanha diversa da dom-juanesquite chronica da sua familia, V. M. haverá predito a urgencia d'apropinquar á sua real pessoa uma tentativasinha de regicidio, já não digo das grandes, mas attinente emfim ás suas posses. Porque ás transformações d'este tempo, nem escapam reis nem patriarchas; e se é certo que uns e outros estejam dispensados de fazer as grandes guerras e de prégar as grandes cruzadas, não pelo duvidoso tenho a instancia de cada qual aproveitar a occasião de se fazer temido, e sobrelevar ao vulgacho, por uma altiva bravura ante os perigos—inda que sejam apocriphos, como os do tio de V. M.

Pintar o gosto que todos teriamos, vendo V. M. emparceirar na escala do martyrio, com outros seus collegas, grous coroados, graças á ferocidade d'um sicario, é coisa que não pôde o colorido exangue d'esta penna, afeita a chronicar discursos arroyanos, e a abrir epitaphio ás artes fuschinizadas por esses sagueões—jardins publicos e paços conselhos. Mas calcularia V. mercê o arco de tal jubilo, meu senhor, abiscoitando uma ovaçõesinha galopinada cá pelo rapaz, e então medindo a toda a grandeza historica, a vergonha de que libertava a monarchia, caso uma inoffensiva bomba de dynamite viesse a rebentar aos pés mais que tudo Raphaelis—Gabrieis—d'Assis—Gonzagas, etc., de V. M.!

\*\*\*

Sobrevenho portanto, meu rei e padre, com patrioticas instancias, a que V. M. se deixe chumbar-seja por que buraco fôr. Ah, senhor meu, que rica coisa é um monarcha que procura dar lustre ao seu reinado, vindo á estacada caçar laureis e palmas, sem outra defeza contra as jugatas da turba, além de uma inoffensiva camisola de flanella! No tocante a armamentos, é singular que emquanto as machinas de guerra vão complicando a ferocidade das nações, e enfreado a sciencia ao serviço da hecatombe, esteja a armadura dos guerreiros reduzida ás formas simples da camisa Jagger, dos suspensorios Pivet, e das meias de borracha contra as varises das pernas. Denuncia isto que a coragem do homem tem crescido, pois que elle dispensa o aço de lhe proteger o cavername, e que V. M. evitando dar motivo de zanga aos seus vassallos, pelo receio pessoal d'uma aggressão, baixa por este facto escandalosamente do nivel epico aonde os reis devem mostrar-se, como em obeliscos de gloria, para as ovações triumphaes da posteridade. E isto me peza, senhor, que possuindo V. mercê todos os attributos d'um grande e illustre rei, só de bravura esteja mal servido, a ponto de sujar as ceroulas mal lhe dizem que foi um camarada seu espingardeado. Está pois V. M. um

(1) Marquez d'Alvito: EL-REI D. LUIZ NA INTIMIDADE, pag. 14.

monarcha açado! Póde limpar as ceroulas á parede!

Veja o imperador D. Pedro, seu tio, que o *Dia* pintou tomando d'assalto a fortaleza d'Uruguayana, de chapéu desabado, e cuja fria coragem o mesmo jornal assignala, contando que ao cahir ao mar, perto do caes, a primeira coisa que fez foi descalçar as botas—que homem!—e a segunda recusar o capilé morno que lhe offereciam, á guiza de calmante. Taes rasgos habilitariam por si sós, epicamente, o tio Pedro a um bronze heroico na Tijuca, quanto mais o saber-se com que temeridade carlovingia elle levou a cabo o seu papel de naufrago, afastando o escaldão de pés prescripto pelos medicos, e apparecendo em piugas á côrte, que ao som do côro d'aventureiros do *Guarany*, se propunha vasar-lhe copinhos de cognac.



O monarcha brasileiro lhe vem delineando pois, meu senhor e rei, o curso de heroe que V. M. terá de frequentar antes de constituir a sua preciosa pelle em alvo á pontaria dos algozes. E' abrir matricula nas aulas do martyrio! Imitar o outro. Ir por exemplo de corôa desabada conquistar o forte da Caxias, façanha commoda, alli tão perto do paço, e com *char-à-bancs* tres vezes ao dia. Cahir ao mar, como o senhor D. Pedro, inda que tirando as babuchas, o povo lhe lobrigue por baixo, piugas de caut-chouc. Oh meu senhor! Fosse eu rei, e diabos me levem se não tinha já nomeado regicida da minha real camara (sem perda de direitos para o dr. May Figueira) o faccinora mais catita da Penitenciaria. A realza carece de sagrar se no espirito da turba, pela especie d'aureola que pôe n'um homem a realização d'um acto extraordinario. Por consequencia faça V. M. com que o escaideirmario. Não abrenuncie, por Deus, esta proposta, gritando que se renta para os chronistas que lh'a alvitram. A Razão d'Estado antes de tudo, E' o barbadão de Veiros que lhe acena. D. João VI que do tumulto lhe diz: deixa-te chumbar, Lúlúsinho.

Porque emfim V. M. não tem agora tão grandes coisas no seu reinado que possa prescindir assim d'um regicidio. A nota do odio é tão necessaria ao prestigio da sua corôa, como a nota de vinte mil reis. Mesmo, n'essa dynastia de frustes que vae de D. João IV a D. João VI, não apparece um unico rei com a bonhomia parrana de V. M.—D. João IV era um poltrão, mas emfim lá tinha a mulher. D. João V, um femeeiro, mas propulsou as artes do luxo a um esplendor requintado e extraordinario. A Affonso VI faltava aquillo que Brown-Secquard anda a restaurar nas regiões infra-umbilicaes dos homens velhos; entanto elle conseguiu gastar a enclausura de Cintra, primeiro que a prisão o gastasse a elle.

E convenio mesmo que D. José fosse um maricas, que andava sempre a tasquinhar barrigas de freiras mas, meu senhor, lá o temos em bronze no Terreiro do Paço, porque teve a habilidade de arranjar um terramoto authentico, um ministro energico, e uma tentativa de regicidio menos mal engerçada.

N'este carnaval de Braganças, é pois V. M. o unico que intenta penetrar os humbraes da Historia, sem bagagem— apenas com a sua traducçãosinha do *Hamlet*, a greve dos chappelleiros, e o sr. José Luciano preso por uma corrente ao realejo constitucional onde ha vinte e seis annos V. M. móe a sua propria marcha funebre. Ah, que pobreza de feitos historicos! que suppressão de vicios e manias! que ausencia de vultos glorificadores da sua governação! . . . V. M. não tem a seu lado Luizas de Gusmão; o luxo da sua côrte infere-se pelas equipagens do sr. ex-conde de Mesquitella e pelas *toilettes* do sr. Teixeira Lacrau; V. M. está como D. Affonso IV, e ainda não deliu que eu saiba, prisão nenhuma; e tendo por barrigas de freira a glotonaria de D. José, não teve ainda, como elle, as compensações do terramoto, do ministro, ou da tentativa de regicidio. Como ha-de o reinado de V. M. fazer um, se ninguem contra elle inda fez fogo?—E a decadencia! . . . antigamente só emigravam do paiz caixeiros de tenda cavadores do campo, e uma ou outra actrizita da Trindade. Agora até os regicidas. . . uns desgraçados que a casa real deixa inactivos (pouca vergenha!) e que p'ra ganharem a vida tem d'ir trabalhar para o Brazil.

Recapitulo: V. M. tem tudo a ganhar em ser assassinado. Mecha os pausinhos p'ra isso, despache-se! Digne-se verter o seu sangue, antes que a Historia, julgando o, sollicite a posteridade a verter aguas.

Convenhamos porém, que apesar do meu odio, eu não fujo a reconhecer em V. M. algumas preciosissimas qualidades de reinante. E comigo o povo, real Senhor. Lá quanto a isso, em verdade, muito obrigados lh'estamos. Por bemda patria, já V. M. traduziu tão mal Shakespeare, que esfriou em nós o fetichismo pelas obras primas estrangeiras—subtil maneira esta de V. M. reconduzir o gosto á exclusiva adoração das nacionaes:— e este bello exemplo, se não vale o das piugas de seu tio Pedro, reveste pelo menos uma flamancia d'amor patrio, digna d'intervir nos desdens anti-lusitanos do vencido da vida Ramalho Ortigão. Mas meu senhor, se o cultivo infeliz das bellas-lettras inhabilitasse os monarchas para as ameixas dos sicarios, estaria o imperador do Brazil mais que nenhum outro livre e isempto de taes fructos, em razão das esquirolas poeticas que intermitentemente exgrega p'ras gazetas: e viu V. M. como Adriano lhe afinou com um, sem grandemente acatar a sonetaria imperial!

Se Quincey rimou as excellencias do assassinato como obra d'arte, V. M., assiduo interprete da poesia tragica d'Alem-Mancha, podia bem trazer a vernaculo este poema, preambulando-o d'uma falla epica que enaltecesse o regicidio como obra de politica. Era trabalho onde o meu rei despejaria a contento geral as asneiras que lhe tivessem sobrado dos seus outros trabalhos litterarios, e que podia suggerir talvez ao sr. Gualdino Gomes, por via do rancor plumitivo, o tirasico que V. M. jámais pechinchará do sr. Consiglieri Pedroso, mercê do já cobino.

Oh meu senhor, habilite se! Uma reles bomba que seja. Para o effeito moral até um buscapés seria bastante. Não faça caso das precauções da medicina, venha á cidade repontar c'o zé povinho, chamar-nos typos, dar canellões nas nossas mulheres—fazer emfim pelo tirasico emquanto é tempo. N'estas coisas de martyrio, só a primeira abordagem custa um pouco. Que transtorno faria a V. M. um balasio, sabendo a ovação que abichava depois de morto?

Ah, que vida tão monotona tem sido a de V. M. . . . jantariños de canja magra no quarto, violoncello quando vão artistas de S. Carlos, e como *hors-d'œuvre*, a pouca vergonhasinha extra-matrimonial ás quintas-feiras! . . . V. M. carece de sahir quanto antes d'essa apathia. Um brasileiro, senhor, não usufrue maior ripanso, do que o meu rei sentado n'esse throno, e com a marrafa a dividir-lhe o craneo em duas metades parallellamente encarquilhadas. E quando os republicanos cuspirem á face de V. M. os 360 contos da sua dotação, como ha-de V. M. justificar essa maquia auferida dos erarios, não tendo feito no decurso d'um anno, outra coisa que não seja abrir e fechar côrtes, levar salvas a bordo, e tapar e destapar ladrões e tolos consoante a matula dos gabinetes que governam?

Com o tirasico era outro aceio. Pela tentativa de regicidio, disse Guizot, a inoffensividade dos reis cola-se á veneração dos povos como um rabotalho de trampa á barriga d'um macaco: e os povos tanto esgatanham n'essa veneração, que acabam por abrir-se o ventre, sem que a mistella de lá saia e deixe de feder.

Se por consequencia, V. M. está resolvido a aceitar o alvitre da sua proxima eliminção, por via Lefaucheux, e não achar sicario idoneo que lhe expeça um balasio aos quartos posteriores, d'aqui me offereço eu com toda a lealdade, certo de que V. M. não haverá que dizer do trabalhinho.

De mais, V. M. já me conhece. Ora se não! . . . Eu era um que estava de chapéu de côco, n'um dos bancos do Aterro, haverá seis annos, uma tarde que V. M. passou de lunetas fumadas. Por signal que até lhe mostrei o *Diario de Noticias* . . .

Tenho vinte e cinco annos d'idade, lindo talhe de letra, e des'que me metteram o lér e o escrever no corpo, ando mesmo hydrophobo por espatifar um desavergonhado. Contracte-me, senhor! Ha em mim um sicario á altura da importancia européa de V. M.— E garantias! fui eu que atirei a bomba ás janellas do rei do Porto, Correia de Barros, de combinação com elle mesmo. Sou portanto um regicida com pratica na provincia, um regicida em segunda mão, bem conservado, e podendo mostrar abonações como o primeiro. Juro que não farei questão de preço. Sómente, como apesar do meu odio eu não quero que V. M. morra, porque emfim podia vir outro peor, combinaremos a conspirata por forma que ella revista todas as apparencias de séria, sem todavia deixar d'abexigar-se por dentro, com todas as inoffensividades de jocosa. Eu tenho lá em casa um revolver de nickel, muito lindo, e que é por signal de cautchou, onde, nos meus intervallos de faccinora, uso guardar picado de Kentucky. Se acordarmos em intrujar a Europa mediante a comediasinha d'onde V. M. ha-de sahir ovante e heroicisado, pôde combinar-se a coisa para os começos do inverno, uma noite, ao acabar do theatro . . . Eu ponho um estalo d'entrudo no gatilho da arma; V. M. mette na bocca um zagalote; e quando, sob um jorro electrico, pozer o pé no estribo da carruagem, eu de meu lado — pif! paf! — e deito a fugir, emquanto V. M. cahe nos braços dos seus officiaes, não sem primeiro entornar sobre a camisa um frasquinho de tinta carmezim.

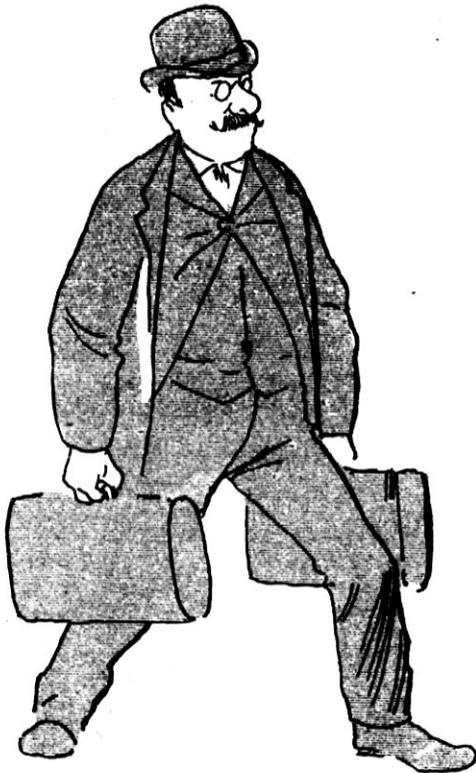
Attenta a côr da tinta, e o facto de V. M. cuspir a bala no deliquio, os medicos não se recusarão, creio eu, a jurar sobre os Evangelhos, que V. M. foi ferido . . . Emtanto, n'este tão facil plano, só um temor me alanceia:

—Com a bravura que todos lhe conhecem, V. M. é capaz de morrer de susto, mesmo tendo a certeza de não ter morrido do tiro.

31 d'agosto de 1889.  
(Dos GATOS.)

FIALHO D'ALMEIDA.

# IDA E VOLTA



Congresso juridico



afilhado d'um Sr. Vereador



Vae por conta do Papa para se distrahir

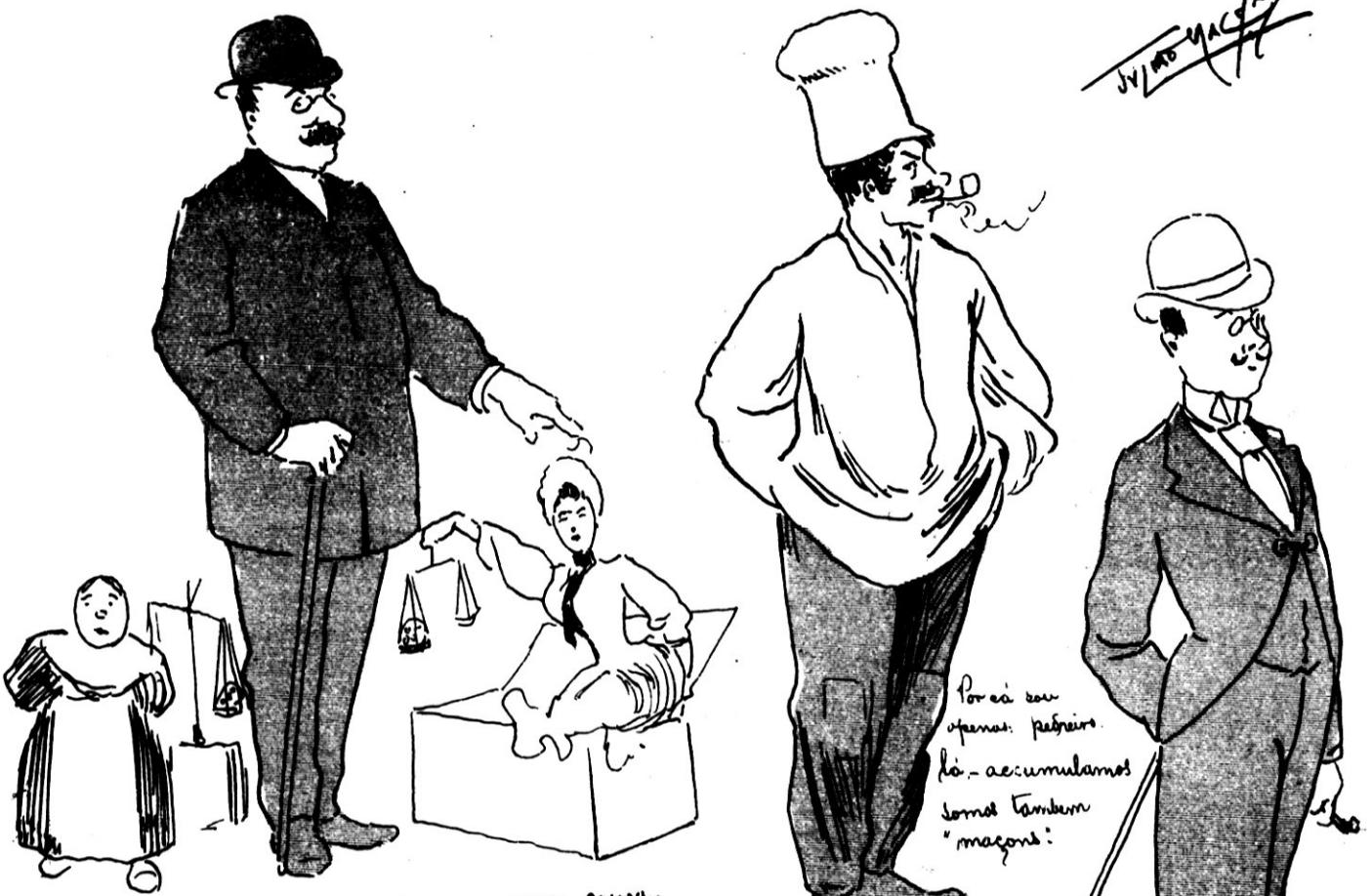


Para ver a Torre e fratar-se do reumatismo



Por conta do Governo. 7515007 por dia  
Para estudar os costumes.

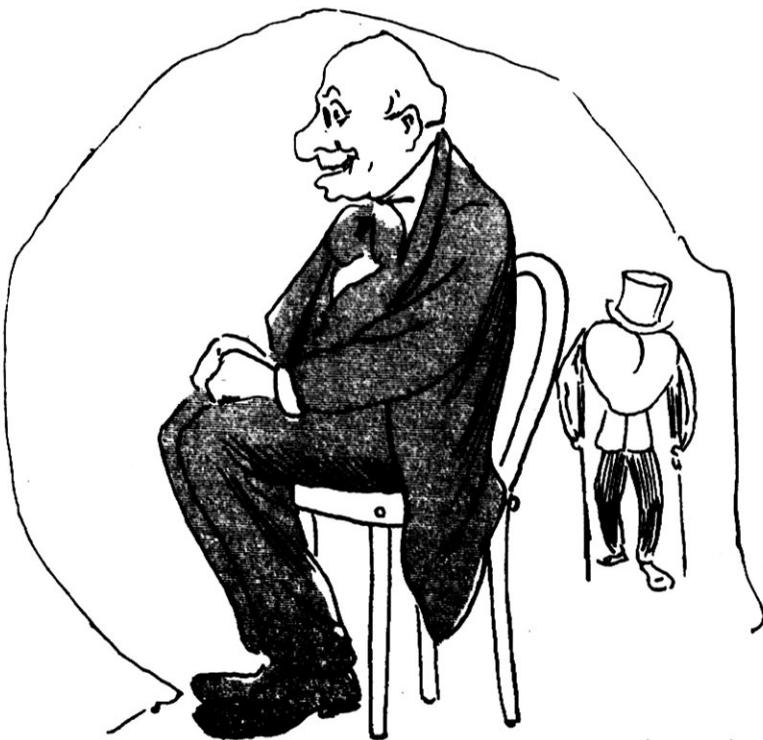
*J. M. Machado*



*ambas a mesma coisa.  
Diferem apenas na  
toilette.*

*Por cá sou  
apenas: pebreiro.  
lá - acumulamos  
somos também  
"maçons":*

*alfaxete, como  
os de lá!*



*Seu mulheres, minha rica senhora! Seu mulheres!*



*afinal estamos tão  
abastados como eles!*



Tenho medo do mar !

Dizia ella e parava com uma prece adoravel no olhar, firmando o pésito no solo como que a impedir-se a marcha.

—Vem, que loucura ! Que pieguice a tua ! A meu lado... E, tomada d'uma resolução heroica, Luiza deixava-se conduzir pelo braço de Raul, pela estrada bordada de piteiras ponteadas, areosa, desprotegida de arvores, que conduzia do alto da velha aldeia onde negrejavam os muros do antigo solar para a praia que branquejava ao longe, batida do sol de uma tarde de verão, cheia de reflexos d'ouro e orlada de espumas.

Não era uma pieguice. Era uma d'essas incompatibilidades nervosas tão vulgares entre as mulheres, superiores a ellas, filhas d'uma susceptibilidade especial, doentia, que se revela perante um objecto, um ruído, a luz d'um cirio, o canto d'uma ave, o perfume d'uma flôr.

Luiza não podia ver o mar. Ao longe supportava-o. Do alto, nos pincaros das ribas, podia ainda fixal-o entre receiosa e ousada ao perceber-lhe o balanço herculeo em direcção ás rochas, ameaçador d'um choque alagador como um dilúvio.

Mas ao pé, na praia, era-lhe impossivel. O ruído surdo do marulhar das ondas, aquelle rugir dos vagalhões contorcendo-se, erguendo-se, partindo-se sobre a areia, enchendo o solo de ruidos subterraneos, causavam-lhe um tremor geral do medo, o arripio do terror.

A morte abria-lhe os braços, no avançar das aguas, arremessava-a contra ás ribas, sobre os penedos agudos, ou empolgava-a nos tentaculos liquidos das ondas que rastejavam, espumosas, como reptis, a agarrarem-se ás areias moveis, a procurar um apoio contra a attracção da caldeira fervente que os fazia parar, dobrar-se, recuar, reunir-se na immensidade das aguas !

De cada vez que uma onda estalava contra os cachopos isolados, que guarneciam a praia, como monstros lendarios guardando a entrada da terra, ella tinha um sobresalto angustioso como se fosse o inicio d'um cataclysmo, a voz de começar d'uma hecatombe, d'um desfazer de mundos que comesçassem de chocar se n'uma derrocada geral.

Tinha muito medo do mar ! Sobresaltava-a, enchia-a de uns terrores vagos, mergulhava-a na timida consciencia d'uma pequenez ridicula aquella grandesa infinita, cheia de mistérios, de ruidos, de poderes invenciveis perante o esforço humano.

Mas era uma vergonha mostrar-se d'uma tão extraordinaria timidez deante de Raul ! E' sempre heroico o braço do homem que ampara a mulher amada. Raul amava-a, ella sabia-o.

E deixou-se conduzir, cerrando quasi de todo os olhos a fazer-se forte no apoio do esforço que a arrastava delicadamente, até ao pequeno rochedo negro que parece marcar o limite aos leques da agua espumosa e que arremeda pelo negro da côr e a capa de limos pendentes um grande cão da Terra Nova, deitado, em posição de esphinge, fazendo senti-nella ao mar.

Todos conhecem o amor dos dezoito annos.

A alma tem a timidez dos passaritos que se empoleiram na borda dos ninhos, para tentar o vôo, porque aneiam, no espaço azul que os intimida.

A mulher é para nós um mysterioso ser. Amamol-a de longe, n'um segredo cheio de anciedades, n'uma concentração de espirito que tem alguma coisa da adoração receiosa do crente ingenuo pelo Deus dos Castigos. Abeiramol-a cheia de presumpções, de arrojos, de decizões longamente estudadas, para se nós apertar a garganta e sumir a voz sob o seu olhar que nos transtorna, á pressão da sua mão, cujo toque fica impressionando a nossa, por longas horas. Arrancamol-a á humanidade para a endeusar. O mundo material não a alcança e todos as sublimes loucuras, todos os heroismos, todas as virtudes, nos parecem pequenas para offertar-lhe no altar do peito como holocausto á sua bondade unica á sua belleza sem par.

Então os sentidos, virgens quasi (permitta-se-me o termo) abrem nos uma serie de pequenas sensações d'uma delicadeza quasi metaphisica e d'um prazer exquisito, como os perfumes subteis das flôres da neve.

No paraizo descerrado de pouco pelo olhar da mulher querida, á nossa imaginação castamente ardente, apparece como senhora, como rainha, a sua forma victoriosa, cercada de flores e coroada de estrellas.

O espirito vibrante na plenitude romantica d'um sonho a que a imaginação empresta o brilho dos astros e a generosidade de cerca d'uma barreira gigante de valorosos ardôres, ergue acima de si proprio a individualidade amada e retráhe-se no seu convívio, como um mendigo que entra n'um salão onde a seda cicia e o ouro fulge.

Nada no mundo se atreve contra este acanhamento do primeiro amor, nem a educação, nem o talento.

Sómente os espiritos grosseiros teem, de começo, o arrojo : os finos espiritos embriagam-se na contemplação, vivem d'uma palavra, d'um gesto, d'uma confidencia pueril, d'um sorriso que passou por elles, d'uma referencia, d'um nada que sahiu dos seus labios, dos labios d'ella, onde só a ideia de pousar um beijo produz, no cerebro, o deslumbramento d'uma aurora polar !

Estavam, sós. Sós pela primeira vez.

Era o momento de lhe dizer o que sentia por ella. Ninguem ouviria a sua desfeita, ninguem poderia sorrir do tremôr da sua voz ou do acanhado do gesto.

E por vezes interrompendo a banalidade d'uma conversa, partida, difficil, elle ia a dizer — Luiza...

Mas n'esse momento uma onda mais forte quebrava, uma cegonha pousava ao longe no vertice d'um penedo, uma gai-vota mergulhava no franjado da vaga.

E, calavam-se ambos, a olhar, com um rir forçado, idiota.

Como o sol baixasse e n'um movimento de Luiza Raul sus- peitasse que ia partir, um supremo esforço arrancou lhe a frase, havia tanto enovelada na boca : — Luiza, amo-te !

E, como ella o olhasse, enleada, com um ligeiro rubôr na face e o olhar timido, tomou lhe as mãos febrilmente : nada receies, ouve-me :

E, disse-lhe... o que lhe disse ?

Todas as esperanças do futuro, todos os receios do passa- do, todos os encantos do presente. E contou lhe a dôr das idas para o collegio, as lagrimas que a sua recordação lhe arrancava, no leito da camarata, triste no silencio das noites; e disse-lhe os beijos que dava nos objectos que lhe haviam pertencido e que elle levava ás escondidas no fim das ferias; contou-lhe essa serie enorme de poemas tristes e alegres que lhe passavam no coração com o ciúme da ausencia, com a felicidade da volta!

Não lhe escondeu o encanto em que o mergulhava o com- templar-lhe a belleza, para lhe pintar o ciúme constante em que o envolvia a natural amabilidade do seu porte! N'uma eloquencia febril o bom rapaz subiu ás juras, desceu ás pre- ces; impoz-se e pediu; blasphemou e chorou! Os olhos de Luiza perlavam-se de lagrimas. Elle joelhou sobre a areia e meigo, com a voz tremula de todos os affectos generosos fallou- lhe da vida futura, lado, a lado, na eterna troca de affectos e de caricias, na mutua absorpção de duas vidas que se fundem completando-se, como duas gottas d'agua que se encontram!

Assim amava Raul. Quando desceu do jardim ao lado da prima e se metteu pela estrada da praia não reparara que o terreno descia e só depois ao vê-la sentada, olhando por sobre as dunas notou que o mirante grande da quinta d'onde os po- diam ver, desaparecera por detraz dos lombos das rejas.

Ella sentia o calor das suas mãos, absorvia-lhe o olhar brí- lhante e caricioso e no peito erguia-se-lhe imperiosa a von- tade de lhe apertar ao pescoço a cabeça, de lhe beijar a bôcca, que a mergulhava, palavra a palavra, n'um labyrintho attra- hente de desejos loucos!

E quando elle se calou, emfim, febril, interrogativo, ella só poude dizer, novamente: amo-te muito, tambem!

E elle esquecera o mar cuja vaga crescente, por vezes, açou- tando cercava o rochedo, olhando docemente os olhos de Raul cuja cabeça descançava languidamente nos seus joelhos,

É que a timidez dos dois voara como gai-vota apressada, nos rolos do vento, pela superficie azulada do mar immenso! O sol mergulhava de todo. O dia esmorecia envolto n'uma gaze rosea. A cabeça de Raul tinha um calor brande que a envolvia n'uma caricia crescente; o seu olhar era bom, doce, cheio de beijos!

Raul, disse ella, levantando-lhe delicadamente a cabeça e erguendo-se: vamos embora!

MENDO.



## BIBLIOGRAPHIA

Revista de Portugal, dirigida por Eça de Queiroz. Recebe- mos o 3.º volume d'esta magnifica publicação mensal, cujo credito sobe com o apparecimento de cada volume, superior- mente dirigido.

O 3.º volume abre com um estudo de Eça de Queiroz — Cartas de Fradique Mendes — parte do qual já foi publicado n'um jornal—O Reporter—diario mas que o auctor vae publi- car na sua forma definitiva na revista.

Segue-se-lhe a continuação dos esplendidos artigos de Oliveira Martins — Os filhos de D. João I, verdadeira evoca- ção historica feita com um brilho, uma segurança de traços e uma verdade de concepção verdadeiramente extraordinarias.

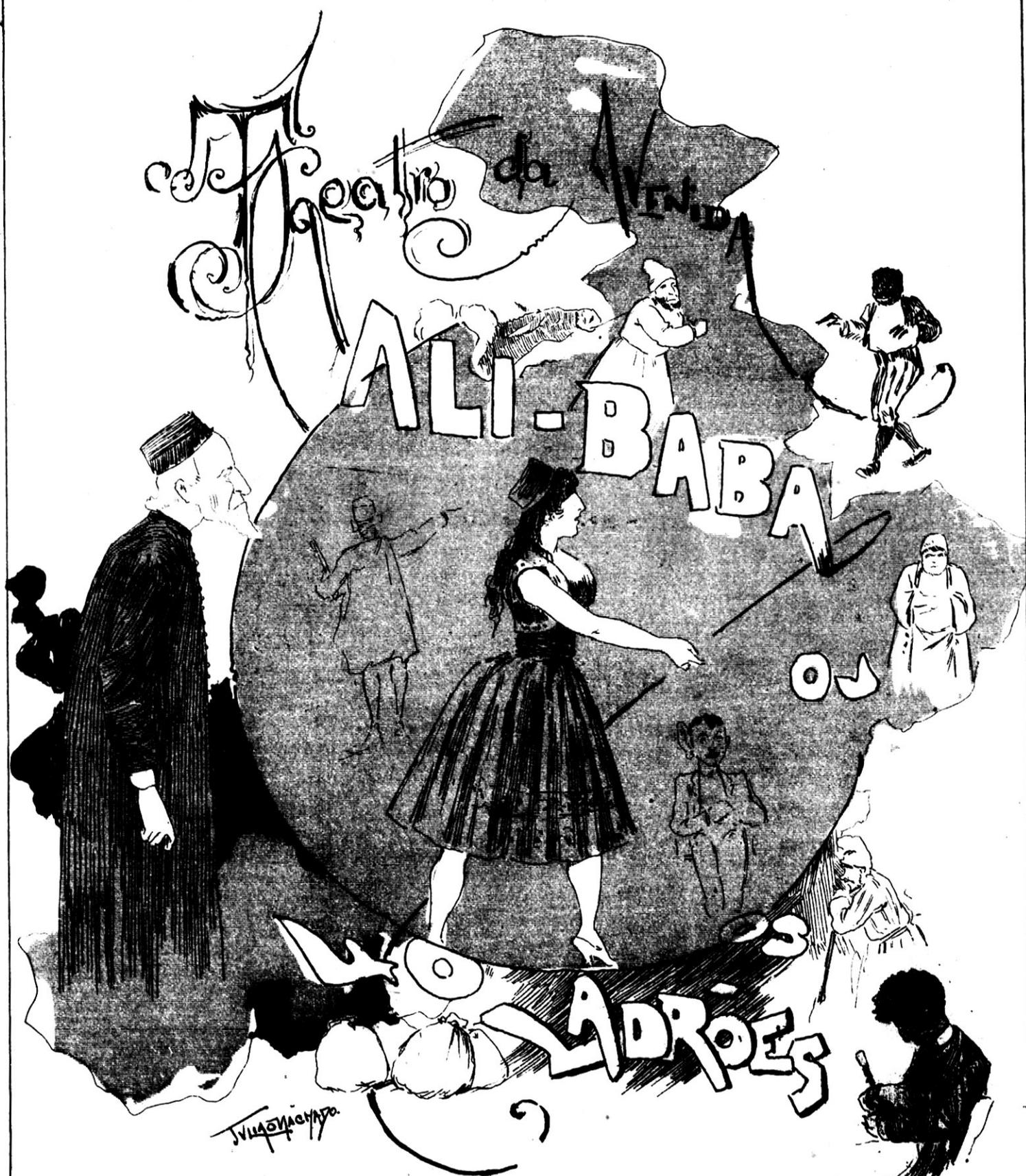
E' das obras superiores do distincto homem de letras, uma das mais poderosas individualidades litterarias actuaes, o auctor do Portugal Contemporaneo, da Historia de Portugal e de tantos outros brilhantes estudos que opulentam o mo- vimento litterario portuguez do ultimo quartel do seculo.

Continua-o a versão d'um poemeto Castelhana de Nunes d'Arce — A' memoria de Alexandre Herculano — feita por Fernando Leal.

Theophilo Braga termina o seu famoso artigo — Epopêa de Humanidade, onde não se sabe que mais se admire se a erudição espantosa do professor, se a ousadia das generali- ções, se o extraordinario das leis, das conclusões, a que chega e que sustenta com o desassombro scientifico que o caracteriza, o luctador incerrante o trabalhador incavel, o sabio philosopho.

O poema da humanidade evoluciona ha muitos annos no cerebro do mestre. Ha muito eu tive a honra de lhe escutar o plano do seu livro gigante. Este artigo parece ser a prepa- ração para os futuros leitores do poema que provavelmente, a esta hora, cresce na sua mesa de trabalho. Theophilo Bra- ga pretende, talvez, preparar os espiritos, oriental-os na com- prehensão da sua obra.

Terminam o volume um artigo sobre Oliveira Marreca, distincto economista portuguez e o Boletim Bibliographico do dr. Silva Gaio.



MUITO MORGERADOS  
 ESTES 40 SÃO LADROES QUE NEM  
 CONSEGUEM ROUBAR-NOS O SONHO

O theatro da Avenida abriu com o *Ali-Baba* peça phantastica, com mutações á vista, escripta com alguma graça e conscienciosamente representada.

E' uma peça sem tirades, com o seu trocadlhosinho á Mendonça e Costa, sem situações violentas que arreliem o espectador mas com dois camellos de lona e um burro authentico que não desmancham o *ensemble*.